



A Bolsa ou a vida: uma visão judaica sobre as trocas comerciais em *É isto um homem?*

The Stock Exchange or Life: A Jewish View of Trading in *É isto um homem?*

Shevah Ahavat Esberard*

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil
shevah@ufmg.br

Marcelo Campos Galuppo**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) | Belo Horizonte, Brasil
marcelogaluppo@uol.com.br

Resumo: Em *É isto um homem?*, ao testemunhar a morte e a sobrevivência no campo de concentração, Primo Levi descreve desde o traçado dos muitos rostos exterminados, porém remanescentes na memória dos sobreviventes, até a forma do campo e seu funcionamento. Essa fisiologia do campo, com suas normas internas, está intimamente ligada à busca por sobrevivência desenvolvida pelos prisioneiros. Dois de seus traços centrais são a hierarquia interna entre detentos e o funcionamento da Bolsa de Trocas. A partir desse segundo elemento, é possível examinar o surgimento das trocas comerciais no campo como uma estrutura relacional interna e alternativa àquela imposta pelo nazismo. Partindo de uma ótica judaica - mais especificamente, talmúdica - sobre questões referentes à ética e ao comércio, pretendemos abordar como a atividade comercial se caracterizava, bem como a quais propósitos servia, diante do contexto extremamente hostil do campo de concentração.

Palavras-chave: Direito e Literatura. Direito e ética. Judaísmo. Trocas comerciais. Dignidade humana.

Abstract: In *If This Is a Man*, by witnessing the death and survival in a Nazi concentration camp, Primo Levi describes the features of the many exterminated faces, yet remaining in the memory of the survivors, and also the camp, its form and operation. The camp's physiology, with its internal rules, is closely linked to the quest of survival developed by prisoners. Two of its central features are the internal hierarchy among inmates and the functioning of the Exchange Market. Based on this second element, it is possible to examine the emergence of commercial trade at the camp, as an internal relational structure and alternative to the one imposed by Nazism.

* Graduanda em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq e pesquisadora do Grupo Sapientia-UFMG.

** Doutor em Filosofia do Direito e Professor da Universidade Federal de Minas Gerais e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.



Starting from a Jewish viewpoint - more specifically, a Talmudic one - on issues related to ethics and trade, we will address how the commercial activity was characterized, as well as what purposes it served, given the extremely hostile context of the concentration camp.

Keywords: Law and Literature. Law and Ethics. Judaism. Commercial trade. Human dignity.

Introdução

Logo no segundo capítulo de *É isto um Homem?*, aprendemos que os detentos dos campos de concentração nazistas eram divididos em três categorias: criminosos, presos políticos e judeus¹. Os criminosos usavam um tecido verde em formato de triângulo costurado no uniforme, enquanto os presos políticos eram identificados por triângulos vermelhos. Por sua vez, os judeus, que compunham a maior população do campo, traziam nas vestimentas estrelas de David vermelhas e amarelas². A hierarquia interna entre os três grupos é expressiva na descrição do autor, uma vez que os judeus constituíam o grupo mais explorado, não somente pela violência nazista, como também pelos demais prisioneiros, em especial por aqueles que portavam triângulos verdes, os criminosos, a quem Levi chega a descrever como “os verdadeiros patrões”³ do campo, que “podem fazer de nós o que querem”⁴. A experiência prévia com atividades criminosas, portanto, era posta como um diferencial de interação com os demais detentos.

Associada a tal funcionamento hierárquico, havia uma série de diretrizes comportamentais a ser observada pelos detentos, cujo descumprimento implicava o risco de terem suas chances de sobrevivência reduzidas drasticamente. Nesse contexto de precariedade levada ao limite, a mais objetiva delas era a de não se deixar roubar - as porções de comida, os sapatos e as vestimentas - e, se possível, apropriar-se de

¹ LEVI, 1988, p. 27.

² No sistema de categorização de detentos do campo de concentração, os presos judeus eram identificados por dois triângulos sobrepostos, formando uma estrela de David. Ambos triângulos poderiam ser amarelos - cor associada ao critério “judaísmo” - ou apenas um deles. No caso de somente um triângulo amarelo, a coloração do outro refinava a categoria do detento. Em *É isto um homem?*, Levi relata o caso de judeus com estrelas vermelhas e amarelas, indicando que, além de serem judeus, os detentos manifestavam alguma dissidência política, fator responsável por enquadrá-los também como presos políticos (O DISTINTIVO, 2019).

³ LEVI, 1988, p. 27.

⁴ LEVI, 1988, p. 28.



pequenos utensílios como botões, colheres ou barbantes, pois todo item poderia ser útil no contexto de trocas na denominada Bolsa de Trocas.

Elemento importante no relato de Levi, a Bolsa era um espaço onde ração, objetos pessoais e bens furtados podiam ser trocados pelos detentos. Boa parte dos furtos dos objetos posteriormente negociados na Bolsa aconteciam na fábrica de trabalhos forçados, ou então em áreas restritas aos funcionários do campo⁵. O valor de cada material era variável, já que a Bolsa operava com flutuação cambial a partir do nível de demanda⁶. Alguns indivíduos chegavam a trocar produtos, como tabaco extraviado da fábrica, quando a cotação estava mais baixa, para revendê-los a troco de outros itens - geralmente, alimentícios - com cotação posterior mais elevada⁷.

Levi caracteriza as trocas na Bolsa como um dos elementos fundamentais para a sobrevivência de detentos⁸. A organização sistemática e até mesmo “científica”⁹ dos furtos, nas circunstâncias do campo, evocava uma lógica que divergia daquela imposta pela dominação nazista. Para Primo Levi, os prisioneiros que se comportavam de acordo com todas as regras impostas pelos alemães eram os primeiros a sucumbir, por excesso de labor e por não conseguirem alimento suficiente para sobreviver, já que ele que não era suficientemente provido pelas ínfimas rações disponibilizadas pela administração dos campos¹⁰.

Mesmo com esse funcionamento paralelo, que salvou muitos indivíduos, a maioria das pessoas sucumbia de forma rápida, trágica e cruel. Submersas para sempre, sem a possibilidade de voltar e relatar suas histórias únicas e pessoais, foram denominadas os *afogados* por Primo Levi. Porém, vale ressaltar que não havia um senso de superioridade do grupo sobrevivente em relação àqueles que pereceram. O próprio testemunho de Levi é apresentado como um gesto de profunda solidariedade aos que não escaparam dos terrores da Shoah¹¹. O autor propõe que os relatos mais autênticos seriam, inclusive, dos homens afogados, que tocaram o fundo e lá permaneceram:

⁵ LEVI, 1988, p. 71.

⁶ LEVI, 1988, p. 72.

⁷ LEVI, 1988, p. 70.

⁸ LEVI, 1988, p. 69.

⁹ LEVI, 1988, p. 68.

¹⁰ LEVI, 1988, p. 77.

¹¹ Shoah é um termo do hebraico que significa, em tradução livre, catástrofe, destruição. O uso desse termo para descrever o genocídio de judeus durante a Segunda Guerra Mundial é tido por alguns autores como mais adequado, uma vez que o vocábulo “Holocausto” (uma tradução do termo judaico Olah – sacrifício totalmente queimado) pode ser interpretado a partir de “uma herança semântica que desde o início traz uma conotação antijudaica”, devido à “equação inaceitável entre fornos



Repito, não somos nós, os sobreviventes, as autênticas testemunhas. (...) Nós, sobreviventes, somos uma minoria anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo. Quem o fez, quem fitou a górgona, não voltou para contar (...) - são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral. Eles são a regra, nós, a exceção...¹²

Em memória a eles, testemunhas como Levi escrevem “por delegação”¹³, como quem precisa contar fragmentos daquilo incapaz de ser dito por quem morreu, não apenas uma morte física, mas sobre-humana, já que a dignidade dos prisioneiros era minada de forma constante. É nesse sentido que Giorgio Agamben diz sobre o próprio título de *É isto um homem?* (em italiano, *Se questo é un uomo*): “O que significa ‘continuar sendo homem’? (...) Nem se trata propriamente de uma pergunta, e sim de uma imposição, o que põe em questão a própria forma da pergunta. Como se a última coisa que aqui se pudesse esperar fosse uma afirmação ou uma negação”¹⁴.

O que significa continuar sendo um homem? O resgate da dignidade é tema recorrente nos capítulos de *É isto um homem?*, seja pela recordação da vida antes do campo, seja pelos sonhos com a libertação, ou até mesmo pelos episódios de esperança na chegada do exército russo antes do extermínio total dos detentos¹⁵.

Além desses exercícios mentais individuais, uma atividade coletiva que, segundo Levi, deixava os detentos mais próximos da “dignidade humana (ao menos, potencial)”¹⁶ era a troca comercial na Bolsa, um dos traços marcantes da fisionomia do campo, conforme apontado anteriormente. A coletividade dessa prática incluía judeus de várias nacionalidades, em especial, poloneses, italianos e gregos, cada um com suas respectivas línguas e costumes. Diante de um cenário tão plural, pode-se analisar o funcionamento das trocas a partir de uma ótica da tolerância, com a finalidade de entender a ligação entre o comércio e a dignidade humana potencial descrita pelo autor, bem como sua origem e desenvolvimento no campo, ligada aos judeus gregos de Salônica¹⁷.

crematórios e altares” promovida pela relação semântica do termo com o sacrifício no Antigo Testamento (AGAMBEN, 2008, p. 40-41).

¹² LEVI, 1990, p. 47.

¹³ LEVI, 1990, p. 48.

¹⁴ AGAMBEN, 2008, p. 65.

¹⁵ LEVI, 1988, p. 118.

¹⁶ LEVI, 1988, p. 69.

¹⁷ LEVI, 1988, p. 68.



1. Estrutura e funcionamento do campo de concentração.

Nas circunstâncias do campo de concentração, a “Bolsa de Valores” local era denominada Bolsa de Trocas, uma alusão à óbvia ausência de moeda, de forma que a atividade comercial ocorria por meio de escambo entre objetos. Etimologicamente, a palavra *bolsa*, no sentido econômico, viria de Van der Burse, proprietário da casa onde se reuniam comerciantes na cidade de Bruges, na Bélgica. Na parte superior da residência havia um escudo de armas com três bolsas, passando a palavra *burse* a ser utilizada para denominar tanto a reunião em que se comerciava valores quanto o local de tal reunião¹⁸. A radical diferença entre o opulente ambiente financeiro associado às bolsas de valores e a realidade degradante imposta aos detentos do campo pode gerar tom irônico com relação ao nome que Primo Levi emprega para o mercado paralelo.

Ainda assim, o espaço de negociação funcionava de maneira organizada e aberta a todos os detentos. O capítulo em que Levi relata a dinâmica dos furtos é denominado *Aquém do bem e do mal*, em referência à obra *Além do bem e do mal* de Friedrich Nietzsche. Curiosamente, é nesta obra que Nietzsche categoriza a exploração como inerente à condição humana, no aforisma 259:

A “exploração” não é própria de uma sociedade corrompida, ou imperfeita e primitiva: faz parte da essência do que vive, como função orgânica básica, é uma consequência da própria vontade de poder, que é precisamente vontade de vida. Supondo que isto seja uma inovação como teoria — como realidade é o fato primordial de toda a história: seja-se honesto consigo mesmo até esse ponto!¹⁹

Pode-se estabelecer relações entre a filosofia nietzschiana e o capítulo de *É isto um homem?* que a referencia, muito influente na primeira metade do século XX. Como visto anteriormente, a exploração é, em *Além do bem e do mal*, “a ilustração de uma relação de poder que expressa a mecânica da própria vida e, enquanto tal, não precisa sequer de defesa ou legitimação”²⁰. No relato de Primo Levi, por sua vez, a troca do vocábulo “além” por “aquém” indica a precariedade das relações entre prisioneiros, que existiam em situação quase aquém da sobrevivência. Se Nietzsche coloca a exploração como parte da mecânica vital, Levi nos recorda que a própria vida deve existir, em primeiro lugar, para que esse pensamento seja possível. Estar distante - e não além - do bem e do mal denuncia a posição desumanizada dos detentos, bem como sumariza as descrições do funcionamento interno do campo a partir das testemunhas, sejam elas

¹⁸ BARRETO FILHO, 1959, p. 7.

¹⁹ NIETZSCHE, 2005.

²⁰ SILVA, 2020, p. 1.



os sobreviventes ou as “testemunhas integrais”²¹ que não conseguiram submergir para compartilhar seus relatos.

Ainda em relação ao título do capítulo, tem-se que, o dualismo entre bem e mal no contexto do campo não era suficiente para compreender a experiência relatada pelo autor italiano. Porém, mesmo com o distanciamento das duas polaridades, é perceptível que determinados comportamentos eram tolerados, mas outros não. Uma diretriz do campo que exemplifica tal tolerância é o fato de que furtos na fábrica de trabalho forçado e/ou realizados contra funcionários eram aceitos, mas delitos similares perpetrados contra outros detentos eram punidos²². Um prisioneiro não podia furtar de outro: caso isso acontecesse, a pessoa que se apropriou sofreria violência física, e a vítima também seria punida para que passasse a cuidar melhor de seus bens. Dessa forma, a principal fonte de abastecimento da Bolsa era a fábrica, com utensílios como fios elétricos, pedaços de barbante, vassouras e graxa para sapatos²³. Outro “tráfico” frequente era o de colheres, geralmente adquiridas por enfermeiros e doentes do KaBe, o bloco com a enfermaria do campo de concentração²⁴.

Compreende-se, portanto, que as trocas comerciais possuíam limitações, e até mesmo atendiam a necessidades específicas do campo, como por exemplo os recém-chegados, que não recebiam colheres para as sopas, ou então os doentes, que só tinham acesso a certos suprimentos e ração extra por meio da troca²⁵. Para entender melhor tal dinâmica, optamos por recorrer à tradição rabínica a partir dos ensinamentos do Talmude, abordando uma visão judaica sobre as trocas comerciais e a ética religiosa.

2 A ética religiosa e as trocas comerciais no Talmude.

O Talmude²⁶ é uma coletânea de leis, costumes, tradições e ensinamentos judaicos compilados por estudiosos da Torah - o conjunto dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, que são sagrados para o judaísmo²⁷. No entanto, a vagueza da Torah exige uma interpretação analítica para que suas regras sejam executadas, e esse papel cabe ao Talmude – diz-se que enquanto a Torah diz o *quê*, o Talmude diz o *como*.

²¹ LEVI, 1990, p. 47.

²² LEVI, 1988, p. 74.

²³ LEVI, 1988, p. 72.

²⁴ LEVI, 1988, p. 73.

²⁵ LEVI, 1988, p. 73-74.

²⁶ Existem, na verdade, dois Talmudes: o de Jerusalém e o da Babilônia, ambos sagrados para os judeus. Aqui, nos referimos majoritariamente a excertos do Talmude da Babilônia.

²⁷ CAMPOS NETO, 2008, p. 34-35.



O estudo talmúdico é uma área de extrema relevância para a ética, que constitui um dos pilares da religião judaica²⁸. O comércio e a administração comercial, sob a interpretação talmúdica, seguem a ética religiosa, não devendo operar por princípios diferentes daqueles inscritos na lei judaica²⁹.

Um dos mais importantes rabinos de todos os tempos foi Hilel, que viveu durante o domínio do rei Herodes e do imperador Augusto³⁰, e foi responsável pela popularização das chamadas Sete regras³¹ da interpretação de Hilel³². Grande conhecedor e estudioso da lei judaica, rabi Hilel tinha seu estilo hermenêutico marcado pelas analogias e alegorias como formas de abordar a Torah, diferentemente de contemporâneos seus, como o rabi Shammai, que realizava uma abordagem mais legalista e ancorada na literalidade do texto³³. Em debates argumentativos entre as técnicas de rabi Hilel e de outros sábios notórios, a denominada Escola de Hilel foi vitoriosa, sendo reconhecida, inclusive, como favorável à conciliação e ao racionalismo³⁴. Além disso, rabi Hilel é tido como um “precursor do pragmatismo moderno, humanismo, pacifismo e da justiça social”³⁵.

O dito 31a de Hilel, o Ancião, no tratado de Shabbat - situado na ordem de Moed (Festas), na parte do Talmude dedicada à Mishná - expressa com precisão a totalidade da ética religiosa, que alcança as demais esferas da vida: “*O que for odioso a você, não faça a seu próximo; isso é toda a Torá. O resto é comentário*”³⁶. A partir dessa interpretação hileana, é possível abordar as trocas comerciais tanto em seu sentido amplo quanto em casos específicos, tal como vivenciou Primo Levi em Auschwitz.

Como ponto de partida, o Talmude explica que a riqueza, de modo geral, não deve ser entendida como uma meta, mas sim como mero meio para outros propósitos³⁷. A atividade comercial, portanto, qualquer que seja sua natureza ou circunstância de manifestação, não pode se guiar exclusivamente pelo lucro do comerciante. Pelo contrário, deve funcionar como instrumento para outras iniciativas, como por exemplo o imperativo de usar a riqueza adquirida para ajudar também nas necessidades

²⁸ MAUNE, 2005, p. 488.

²⁹ FEL; ZDUN, 2014, p. 6.

³⁰ SHAPIRA, 2007, p. 3.

³¹ As sete regras são, na verdade, procedimentos usados para interpretar a Torah: silogismo, analogia, indução, dedução, antinomia e distinção. Trata-se, portanto, de regras da lógica formal (FERREIRA, 2009, p. 488).

³² FERREIRA, 2009, p. 489.

³³ HILLEL, 2022.

³⁴ BRODER; LAX, 2017, p. 1-2.

³⁵ BRODER; LAX, 2017, p. 5.

³⁶ Talmude, Shabbat, 31a. Disponível em: <<https://www.sefaria.org/Shabbat>>

³⁷ FEL; ZDUN, 2014, p. 88.



alheias³⁸ - como no mandamento da Tzedakah³⁹ - e até mesmo para “santificar o mundo”⁴⁰, o que pode compreender preocupações com o meio ambiente, os impactos ambientais decorrentes da atividade econômica⁴¹ e também a responsabilidade social.

Voltando ao testemunho de Primo Levi, vimos que as trocas comerciais entre detentos tinham a sobrevivência como finalidade. Portanto, o comércio não se esgotava no fornecimento e/ou no acúmulo de bens, mas sim na possibilidade de interações entre pessoas, como uma forma de solidariedade e atividade comunitária, ainda que em um ambiente onde a competição e a rivalidade eram incentivadas para desarticular os prisioneiros⁴².

Tendo em vista a manutenção da vida como motivação central para as trocas, Primo Levi evidenciou a importância dos alimentos como os objetos centrais para o abastecimento da Bolsa:

A gente pode achar na Bolsa os especialistas em roubos na cozinha, com os casacos estofados por saliências misteriosas. Enquanto para a sopa existe uma cotação praticamente estável (meia ração de pão por um litro de sopa), a cotação do nabo, das cenouras, das batatas é extremamente variável e depende muito de diferentes fatores, entre os quais a eficiência e a venalidade dos guardas de serviço nos depósitos⁴³.

Levando em consideração que a interpretação judaica previamente citada aponta para o comércio como meio, e não como fim, há coerência entre tal concepção e a prática comercial dos detentos de *É isto um homem?*. A Bolsa de Trocas, afinal, era um instrumento para afastar os detentos da “brutalidade inútil”⁴⁴, como indica Primo Levi. A atividade comercial, portanto, organizava o comportamento desviante dos detentos que não se entregavam à exploração exaustiva e genocida do domínio nazista. Por exemplo, Levi relata que diariamente os chefes de blocos recebiam quantidades de

³⁸ FEL; ZDUN, 2014, p. 90.

³⁹ Tzedakah é um mandamento previsto na Torah, que pode ser traduzido como “justiça” (TOPOLSKY, 2015, p. 3). Atualmente é entendida como uma forma de justiça social, em que uma pessoa colabora com outra sem pedir ou ganhar nada em troca, seja por meio de dinheiro, tempo, energia ou outras formas de doação. Para uma análise da utilidade ética da Tzedakah, veja-se: LAGO, Davi; GALUPPO, 2020, p. 99.

⁴⁰ FEL; ZDUN, 2014, p. 89.

⁴¹ MAUNE, 2005, p. 490.

⁴² LEVI, 1988, p. 78.

⁴³ LEVI, 1988, p. 69.

⁴⁴ LEVI, 1988, p. 69.



ração superiores ao número de detentos pelos quais estavam encarregados⁴⁵. Parte desse excedente era repartido entre os amigos e protegidos por cada chefe, enquanto o restante era destinado ao escambo. Essas rações, então, eram trocadas por outros itens funcionais, anteriormente furtados pelos prisioneiros na fábrica⁴⁶. Assim, os detentos conseguiam nutrientes adicionais, adiando o exaurimento físico absoluto que ocorria com tantos prisioneiros devido à exposição ao frio, sede, carência nutricional e trabalho forçado extenuante.

O caminho para evitar a transformação em “muçulmano” - o homem já desprovido de “centelha divina” após tantas explorações⁴⁷, esgotado por completo e cruelmente eliminado na câmara de gás - era a colaboração coletiva, expressa, no campo, pela Bolsa de Trocas, ainda que isso incluísse o furto sistemático por parte dos prisioneiros.

No judaísmo, o furto é condenado como uma transgressão contra a vontade divina⁴⁸. Na passagem 88b do tratado *Bava Batra*, o Talmude expressa que: “Roubar de um ser humano é pior do que roubar algo consagrado, pois ao referir-se ao primeiro [a Torah] fala em ‘pecar’, enquanto que, em relação ao último, fala em ‘apropriação indevida’”⁴⁹. Diante da expressa intolerância do judaísmo a tal prática, como explicar o *modus operandi* dos *Häftlinge* (prisioneiros) judeus para abastecer a Bolsa?

Hilel, com uma perspectiva humanista, pode iluminar essa questão. Em um famoso dito de sua autoria no tratado de *Pirkei Avot* (Ética dos Pais), lê-se: “Se eu não for por mim, quem será por mim? E se sou por mim, o que sou? E se não for agora, quando então?”⁵⁰. Originalmente, o dito diz respeito ao estudo da Torah: caso cada pessoa não cumpra essa mitzvá (mandamento) por si mesma, quem irá? Além do senso de responsabilidade individual, é relevante a temporalidade: no dito, caso a escolha não seja feita agora, no presente, não há garantias de que o futuro permitirá sua realização.

No contexto da obra de Levi, é possível ampliar o significado atribuído a esse trecho de Hilel: aplicando o dito a situações-limite como aquela vivenciada por Primo Levi, podemos entender que a continuidade da vida estava em constante ameaça, de forma que a tomada de decisão do indivíduo em perigo devia perpassar o método menos lesivo para sua autopreservação. Se não agora, quando então? Se não fosse pelo furto instrumentalizado para amenizar a brutalidade do campo, como pontua Primo Levi, a

⁴⁵ LEVI, 1988, p. 72.

⁴⁶ LEVI, 1988, p. 72.

⁴⁷ LEVI, 1988, p. 77.

⁴⁸ MAUNE, 2005, p. 493.

⁴⁹ Talmude, *Bava Batra*, 88b. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Bava_Batra>

⁵⁰ Mishná, *Pirkei Avot*, Cap. 1, 14. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Pirkei_Avot>



consciência da potencialidade da dignidade humana dos detentos provavelmente se apagaria⁵¹.

Outro dito de Hilel relevante para o tema é: “Não se isole da comunidade; não se sinta seguro de si até o dia da sua morte; não julgue o seu semelhante até passar pela mesma situação(...)”⁵². Destaca-se, nesse dito, a importância da comunidade, e, em especial, da empatia para com os outros membros em situações adversas. No contexto do relato de Levi, a principal atividade comunitária entre os detentos - que não o trabalho extenuante - era a troca na Bolsa. Formava-se a partir daí uma comunidade, nos moldes da descrição de Hilel, da qual seria perigoso se isolar, pois, no isolamento, um indivíduo tornar-se-ia submerso mais rapidamente. Como explica Levi: “Sucumbir é mais fácil: basta executar cada ordem recebida, comer apenas a ração, obedecer à disciplina do trabalho e do Campo”⁵³. O fato de a resistência contra a opressão partir da atividade comercial se relaciona tanto com a concepção judaica de comércio, conforme visto previamente, quanto com a própria natureza dessa atividade. É o que ensinou Benjamin Constant, na palestra *Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos*:

O comércio (...) é uma tentativa de obter por acordo aquilo que não se deseja mais conquistar pela violência. Um homem que fosse sempre o mais forte nunca teria a ideia do comércio. A experiência – provando que a guerra, isto é, o emprego da força contra a força de outrem, o expõe a resistências e malogros diversos – que o leva recorrer ao comércio, ou seja, a um meio mais brando e mais seguro de interessar o adversário em consentir no que convém à sua causa. A guerra é o impulso, o comércio é o cálculo.⁵⁴

Desprovidos da capacidade coercitiva, exclusiva de quem monopoliza a violência, os prisioneiros judeus buscaram outras formas de organização. A troca comercial funcionou para evitar comportamentos violentos entre detentos, isto é, entre iguais, pois permitia que eles obtivessem recursos a partir do comércio, e não da força física bruta. Trata-se de uma aplicação da regra áurea de Hilel⁵⁵, de não fazer com o outro o que seria odioso para si mesmo.

⁵¹ LEVI, 1988, p. 69.

⁵² Mishná, Pirkei Avot, Cap. 2, 4. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Pirkei_Avot>

⁵³ LEVI, 1988, p. 77.

⁵⁴ CONSTANT, 1980, p. 4.

⁵⁵ Talmude, Shabbat, 31a. Disponível em: <<https://www.sefaria.org/Shabbat>>



Esse tipo de organização também mesclava costumes e características de judeus de diferentes nacionalidades. Os judeus italianos eram reconhecidos por em geral serem mais instruídos - “todos advogados, todos doutores”⁵⁶, o que lhes trazia desvantagens no trabalho braçal. Já os poloneses, além de desprezarem o fato de os italianos não falarem ídiche⁵⁷, geralmente eram os primeiros a saberem de novidades importantes no campo⁵⁸. Além desses, os judeus gregos eram muito relevantes na Bolsa de Trocas, sua origem e regulação, como será abordado no próximo tópico.

No campo, portanto, existiam judeus muito diversos, com línguas, costumes e vivências distintas entre si. Na tradição judaica, temos a diversidade entre os judeus do mundo como um tema relevante na Festa dos Tabernáculos, chamada de Sucot. Nessa festividade, rememora-se o período de nomadismo, ocorrido durante os quarenta anos de êxodo dos hebreus após serem libertos da escravidão no Egito. Nessa época, a habitação no deserto era precária, composta por cabanas e tendas. Como forma de celebração e memória, um dos principais mandamentos de Sucot inclui as Quatro Espécies, isto é, as quatro modalidades que simbolizam tipos diferentes de judeus. A grosso modo, temos o Lulav - a palmeira - que representa um judeu versado, estudioso da Torá. Há, também, o Hadáss - a mirta - representando um judeu praticante de boas ações. Outro tipo é o Etrog - o citro - símbolo do judeu que tanto estuda a Torá, quanto pratica bons atos, em contraponto ao Aravá - o salgueiro - que não é estudioso, nem benfeitor⁵⁹. Uma sociedade se faz de pessoas diferentes, cada qual importante para sua subsistência. Diante das categorias e de suas múltiplas interpretações, prevalece a lição da união, aspecto central do judaísmo, e da coesão social na comunidade judaica. Cada judeu, seja qual for seu tipo, é de central importância, funcionando como peça fundamental para a união do povo.

Quando Primo Levi descreve as diferenças entre os judeus do campo de concentração, podemos notar que o autor chega à mesma conclusão do antigo ensinamento judaico presente na festa de Sucot: uma comunidade é desenvolvida a partir de pessoas diferentes. É neste ponto que a tolerância opera como um “neutralizador dos efeitos da pluralidade tensional”⁶⁰, o que permite o desenvolvimento da atividade comercial como meio para a finalidade em comum para grupos de judeus tão diversos: a manutenção da vida. Nesses termos, é possível apontar o comércio como fator de preservação da dignidade humana e expressão de solidariedade entre a diversidade de detentos, recorrendo não à violência ou ao impulso para buscar recursos, mas sim ao cálculo e à organização interna.

⁵⁶ LEVI, 1988, p. 42.

⁵⁷ LEVI, 1988, p. 42.

⁵⁸ LEVI, 1988, p. 108.

⁵⁹ UNTERMAN, 1992, p. 255.

⁶⁰ GALUPPO; SILVA, 2022, p. 140.



Primo Levi aponta os conhecimentos e vivências dos judeus gregos como central para que a Bolsa de Trocas fosse instituída e mantida no campo. Por isso, o próximo tópico analisa um breve histórico dessa população, bem como sua ligação ao comércio antes e durante a detenção no campo de concentração nazista.

3. Os judeus gregos e o domínio da Bolsa de Trocas.

Os judeus gregos, provenientes da região de Salônica, são retratados por Primo Levi como um grupo coeso e dedicado à sobrevivência, o que os levou a dominar a Bolsa de Troca, como pode-se observar na primeira descrição sobre esse grupo em *É isto um homem*:

Esses admiráveis e terríveis judeus Saloniki, teimosos, ladrões, ferozes e solidários, tão decididos a continuar vivendo e tão implacáveis na luta pela vida; esses gregos que prevaleceram, nas cozinhas e na fábrica, e que até os alemães respeitam e os poloneses temem. Estão em seu terceiro ano de Campo, ninguém melhor do que eles sabe o que é o Campo; agora, reunidos em círculo, ombro a ombro, cantam uma dessas suas cantilenas sem fim. (LEVI, 1988, p. 61)

A imagem dos gregos “imóveis e silenciosos como esfinges”⁶¹ é interpretada por Gabriel Mordoch como uma idealização “dos judeus salonicenses que (...) aplicaram sua sabedoria mediterrânea e coesão nacional para sobreviver no *Lager*”⁶². A idealização feita por Levi é acompanhada pelas observações quanto ao funcionamento da Bolsa de Trocas, monopolizada pelos gregos. O italiano exalta a contribuição desse grupo para a linguagem e o cotidiano do campo:

Os gregos já estão reduzidos a pouquíssimos; deram, porém, uma contribuição considerável à fisionomia do Campo e à gíria internacional que se fala nele. Todo o mundo sabe que caravana é a gamela; que la comedera es buena significa que a sopa está gostosa; o vocábulo que exprime a ideia genérica de furto é *klepsi-klepsi*, de evidente origem grega. Esses poucos sobreviventes da colônia judia de Tessalônica, de dupla linguagem, espanhola e helênica, e de múltiplas atividades, são os depositários de uma concreta, terrena, consciente sabedoria na qual confluem as tradições de todas as civilizações mediterrâneas.⁶³

⁶¹ LEVI, 1988, p. 68.

⁶² MORDOCH, 2021, p. 14-15.

⁶³ LEVI, 1988, p. 68.



Nos dois trechos citados, é possível perceber que os gregos constituem o grupo de prisioneiros que está há mais tempo no campo de concentração, além de que poucos desses indivíduos restaram. O extenso levantamento histórico feito por Mordoch indica que entre 15 de março e 10 de agosto de 1943, um total de 48.533 judeus gregos foram enviados para Auschwitz-Birkenau em dezenove comboios de trens⁶⁴. Entre eles, 37.386 foram assassinados em câmaras de gás assim que chegaram ao campo⁶⁵. Segundo Daniel Carpi, estima-se que menos de 2.000 sobreviveram⁶⁶, sendo que aproximadamente metade dos sobreviventes não retornou para a região de Salônica, migrando principalmente para a Palestina Britânica e para os Estados Unidos⁶⁷.

Antes do extermínio nazista, Salônica tinha a alcunha de “Jerusalém dos Bálcãs”, pois recebeu muitos judeus marranos - isto é, judeus da Península Ibérica - após éditos de expulsão de Portugal e da Espanha quando tais países estavam sob domínio dos reis católicos no século XV⁶⁸. Isso explica o uso do Judeoespañol pelos salonicenses, conforme indicado por Levi ao citar algumas expressões linguísticas como “*comedera*” e “*caravana*”⁶⁹ (*Judeoespañol* é uma versão judaica do castelhano, também chamada de Ladino ou Judezmo)⁷⁰.

Além de tal influência linguística, havia também a denominada “*consciente sabedoria na qual confluem as tradições de todas as civilizações mediterrâneas*” que Primo Levi descreveu como central para as contribuições gregas ao campo. Pode-se interpretar essa descrição como uma referência ao comércio mediterrâneo, atividade frequente de membros da comunidade judaica salonicense, “acostumados a negociar com entrepostos espalhados pela bacia mediterrânea e em diferentes áreas do Império Otomano”⁷¹. A presença judaica nos negócios da região era tão forte que, conforme explica Mordoch:

Durante séculos o porto de Salônica, um dos mais ativos de toda a bacia mediterrânea e elo de ligação entre o ocidente e o oriente, não operava aos sábados, dia do descanso judaico, pois vários dos cargos relativos ao comércio marítimo eram desempenhados pelos sefardim, entre eles a profissão de hammal (estivador, em judeo-espanhol).⁷²

⁶⁴ MORDOCH, 2021, p. 14-15.

⁶⁵ MORDOCH, 2021, p. 12.

⁶⁶ CARPI, 1999, p. 16.

⁶⁷ MORDOCH, 2021, p. 16.

⁶⁸ MORDOCH, 2021, p. 2

⁶⁹ LEVI, 1988, p. 68.

⁷⁰ NIEWĘGŁOWSKA, 2010, p. 5.

⁷¹ MORDOCH, 2021, p. 4.

⁷² MORDOCH, 2021, p. 10.



É possível que o contexto mercantil marítimo tenha influenciado o modo de organização tão único dos judeus gregos no contexto do campo de concentração, observado e descrito por Primo Levi, judeu italiano. O comércio, que já se constituía como atividade econômica de grande destaque para a população salônica, foi utilizado como uma forma de resistência ao tratamento desumano, tendo em vista a perspectiva judaica sobre o comércio, de trocas comerciais como meios para adquirir outros fins benéficos não somente ao indivíduo, como também à comunidade. Ao garantir o intercâmbio humano por meio das trocas que se realizavam na Bolsa, e da solidariedade que se estabelecia por meio desse intercâmbio, os judeus encontraram um mecanismo de reconhecimento de sua própria dignidade, apesar da adversidade do campo e da Shoah.

Conclusão

Em *É isto um Homem?*, o funcionamento da Bolsa de Trocas fornece um interessante ponto de discussão acerca das trocas comerciais no campo de concentração. Ao articular a visão ética talmúdica sobre comércio e a cultura dos judeus de Salônica, responsáveis pela organização da Bolsa, é perceptível que as atividades comerciais operavam como uma forma de resgate e preservação da dignidade humana. O comércio, para atingir essa finalidade, era utilizado a partir de preceitos originários da ética judaica, em consonância às práticas tradicionais dos judeus gregos, historicamente ligados ao meio comercial. Assim, as trocas de objetos (escambo) foram fundamentais para reduzir a brutalidade entre os detentos, bem como organizar o acesso aos bens escassos por meios solidários, preservando a dignidade e aumentando as chances de sobrevivência dos prisioneiros no campo de concentração. Diante da hostilidade extrema, esses fatores, mediados pela tolerância entre os diferentes tipos de detentos judeus, favoreceram um modo de sobrevivência que negava, de certa forma, a desumanização operada pela exploração nazista, guiada pela opressão e pela violência bruta.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho* (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- BARRETO FILHO, Oscar. Natureza Jurídica das Bolsas de Valores, no Direito Brasileiro. *Revista de Direito Bancário, do Mercado de Capitais e da Arbitragem*. São Paulo: Revista dos Tribunais, n. 12, p. 93-130, 2001 (ed. Original, 1959).
- BRODER, Hillel; LAX, Moshe. "If I am here, then all is here": Towards a Phenomenological Existentialism in the Rabbinic Law of Beit Hillel. *Hakirah, the Flatbush Journal of Jewish Law and Thought*, Nova Iorque, vol. 23, p. 135-160, 2017.



CAMPOS NETO, Antônio Augusto Machado. O Judaísmo. O Direito Talmúdico. *Revista da Faculdade de Direito (USP)*, v. 103, p. 27-67, 2008.

CARPI, Daniel (org.). *Italian diplomatic documents on the history of the Holocaust in Greece (1941 - 1943)*. The Diaspora Research Institute: Tel Aviv University, 1999.

CONSTANT, Benjamin. Da liberdade dos antigos comparada à dos modernos. Disponível em: http://www.fafich.ufmg.br/~luarnaut/Constant_liberdade.pdf. Acesso em: 22 março 2022.

FEL, Stanisław; ZDUN, Magdalena. Judaism and Economics: The Link between Judaism and Economic Life. *The Person and the Challenges - The Journal of Theology, Education, Canon Law and Social Studies Inspired by Pope John Paul II*. Cracóvia, Vol. 4, Nº 2, p. 83-96 2014.

FERREIRA, CAP. Os estudos bíblicos e a exegese judaica na Idade Média. In LEWIN, H., coord. *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 479-502, 2009.

GALUPPO, Marcelo Campos; BATALHA, Bárbara Silva. Tolerância, liberdade de expressão e a esfera pública em Habermas. *DoisPontos*, Curitiba, São Carlos, volume 18, número 2, p. 131-145, dezembro de 2021.

HILLEL and Shammai. Jewish Virtual Library, 2022. Disponível em <https://www.jewishvirtuallibrary.org/hillel-and-shammai>. Acesso em: 29 de março 2022.

LAGO, Davi; GALUPPO, Marcelo. *Um dia sem reclamar*. Porto Alegre: Citadel, 2020.

LEVI, Primo. *É Isto Um Homem?* Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MAUNE, Alexander. (2015). The Talmudic philosophical conception of business ethics. *Journal of Governance and Regulation*, 4(4-4), 486-498.

MISHNÁ, Pirkei Avot. Disponível em: https://www.sefaria.org/Pirkei_Avot.

MORDOCH, G. No entorno de escombros: notas acidentais sobre o trauma dos judeus de Salônica. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*, [S. l.], n. 19, p. 3-36, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/187870>. Acesso em: 4 abr. 2022.



NIETZSCHE, Friedrich. Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

NIEWĘGŁOWSKA, Martyna. *El dialecto judeoespañol: una historia del exilio*. Cracovia: Universidad de Cracovia, 2010. Disponível em: http://lateinamerika.phil-fak.uni-koeln.de/fileadmin/sites/aspla/bilder/ip_2010/m.nieweglowska_trabajo.pdf. Acesso em: 20 março 2022.

O DISTINTIVO judaico. Enciclopédia do Holocausto, 2019. Disponível em <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/jewish-badge-during-the-nazi-era>. Acesso em: 17 março 2022.

SHAPIRA, Haim. The Schools of Hillel and Shammai. In: LIFSHITZ, Berachyahu (org.). *The Jewish Law Annual Volume 17*. Jerusalém: Routledge-Cavendish, p. 159-208.

PINTO, Paulo Mendes. A concretização do Senhor: a propósito da leitura d'O Evangelho de Judas. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, ano 5, n. 9/10, p. 316-326, 2006.

SILVA, Victor Campos. Nietzsche e a "Divinização do Diabo": Um projeto de "superação da moral". *Estudos Nietzsche*, Espírito Santo, v. 11, n. 1, p. 39-67, jan./jun. 2020.

TOPOLSKI, Anya. Tzedakah: *The transformation of Justice into Charity*. Academia, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/7598345/Tzedakah_The_Transformaton_of_Justice_into_Charity. Acesso em: 22 março 2022.

TALMUD, The William Davidson Edition, Bava Batra. Disponível em: https://www.sefaria.org/Bava_Batra.

TALMUD, The William Davidson Edition, Shabbat. Disponível em: <https://www.sefaria.org/Shabbat>.

UNTERMAN, Alan. *Dicionário judaico de lendas e tradições*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

Recebido em: 28/03/2022.

Aprovado em: 01/04/2022.